

Secretaria da Educação do Estado do Ceará

SEDUC-CE

Professor Nível A - Especialidade: Educação Física

Edital Nº 030/2018 – SEDUC/SEPLAG, de 19 de Julho de 2018

JL088-2018

DADOS DA OBRA

Título da obra: Secretaria da Educação do Estado do Ceará - SEDUC - CE

Cargo: Professor Nível A - Especialidade: Educação Física

(Baseado no Edital N° 030/2018 – SEDUC/SEPLAG, de 19 de Julho de 2018)

- Conhecimentos Específicos

Autora

Silvana Guimarães

Gestão de Conteúdos

Emanuela Amaral de Souza

Diagramação/ Editoração Eletrônica

Elaine Cristina

Igor de Oliveira

Ana Luiza Cesário

Thais Regis

Produção Editorial

Suelen Domenica Pereira

Julia Antoneli

Leandro Filho

Capa

Joel Ferreira dos Santos

SUMÁRIO

Conhecimentos Específicos

1. Histórico da Educação Física	01
2. Educação Física como linguagem	02
3. Processo ensino-aprendizagem na Educação Física	08
4. Construindo competências e habilidades em Educação Física.....	18
5. Avaliação em Educação Física.....	28
6. Educação Física e sociedade.....	39
7. Fundamentos didático-pedagógicos da educação física.....	42
8. Atividade física e saúde.....	61
9. Crescimento e desenvolvimento.....	67
10. Aspectos da aprendizagem motora.....	70
11. Aspectos sócio-históricos da educação física	75
12. Política educacional e educação física	89
13. Cultura e educação física.....	93
14. Aspectos da competição e cooperação no cenário escolar	97
15. Competências e habilidades propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino médio para a disciplina de Educação Física	99

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Educação Física

1. Histórico da Educação Física	01
2. Educação Física como linguagem	02
3. Processo ensino-aprendizagem na Educação Física	08
4. Construindo competências e habilidades em Educação Física.....	18
5. Avaliação em Educação Física.....	28
6. Educação Física e sociedade.....	39
7. Fundamentos didático-pedagógicos da educação física.....	42
8. Atividade física e saúde.....	61
9. Crescimento e desenvolvimento.....	67
10. Aspectos da aprendizagem motora.....	70
11. Aspectos sócio-históricos da educação física	75
12. Política educacional e educação física	89
13. Cultura e educação física.....	93
14. Aspectos da competição e cooperação no cenário escolar	97
15. Competências e habilidades propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino médio para a disciplina de Educação Física	99

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Educação Física

1. HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Geralmente a **Educação Física** na escola é vista como uma disciplina complementar, como se ela fosse menos importante do que Matemática, História ou Língua Portuguesa. Será que é verdade? É preciso compreender que a Educação Física é uma disciplina obrigatória do currículo escolar e que apresenta características próprias, como veremos a seguir.

O termo Educação Física pressupõe a ideia de controle do corpo ou, ainda, de controle do físico. Educar, desde o século XVII, é uma ação que está intimamente relacionada à disciplina corporal: a separação proposta por Descartes, entre corpo e mente, torna-se base de todo o processo educacional ocidental. Fato bastante visível nas salas de aula: o corpo fica sentado e parado, sem “atrapalhar” o exercício de raciocínio e de aprendizado feito pela mente.

A princípio, a Educação Física, quando inserida no currículo escolar, era tida como um momento para a prática da ginástica, com a finalidade de deixar o corpo saudável. Após muitas reformas na própria ideia de Educação Física, atualmente ela é uma disciplina complexa que deve, ao mesmo tempo, trabalhar as suas próprias especificidades e se inter-relacionar com os outros componentes curriculares. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), documento oficial do Ministério da Educação, a Educação Física na escola deve ser constituída de três blocos:

Jogos, Ginásticas, Esportes e Lutas	Atividades rítmicas e expressivas
Conhecimentos sobre o corpo	

Segundo o documento, essas três partes são relacionadas entre si e podem ou não ser trabalhadas em uma mesma aula.

O primeiro bloco, “jogos, ginásticas, esportes e lutas”, compreende atividades como ginástica artística, ginástica rítmica, voleibol, basquetebol, salto em altura, natação, capoeira e judô. O segundo bloco abrange atividades relacionadas à expressão corporal, como a dança, por exemplo. Já o terceiro bloco propõe ensinar ao aluno conceitos básicos sobre o próprio corpo, que se estendem desde a noção estrutural anatômica, até a reflexão sobre como as diferentes culturas lidam com esse instrumento.

Se analisarmos uma aula em que o professor trabalha apenas os quatro esportes coletivos (voleibol, basquetebol, futebol e handebol), sob a ótica de uma Educação Física que visa à reflexão do aluno sobre si e sobre a sociedade em que está inserido, logo perceberemos o quão pobre se torna a experiência sobre o corpo nessas aulas. Nesse sentido, é fundamental que a compreensão de si, de sua cultura e de outras culturas seja ampliada, a fim de efetivar a disciplina de Educação Física como um componente curricular educacional.

A Educação Física tem uma vantagem educacional que poucas disciplinas têm: o poder de adequação do conteúdo

ao grupo social em que será trabalhada. Esse fato permite uma liberdade de trabalho, bem como uma liberdade de avaliação – do grupo e do indivíduo – por parte do professor, que pode ser bastante benéfica ao processo geral educacional do aluno.

Historicamente, as atividades físicas sempre estiveram em um patamar inferior em relação às atividades, reconhecidas, intelectuais. Nesse sentido, Betti destaca dois aspectos que contribuem para a desvalorização da educação física. O primeiro refere-se à maneira simplificada em que a área é vista, não se identificando e nem reconhecendo os conhecimentos que lhes são específicos. O segundo refere-se à ideia de que há familiaridade intensa entre as pessoas e as práticas corporais, dando a falsa impressão de que a área e o profissional seriam quase que dispensáveis, inclusive no ambiente escolar.

Atualmente, ruas e avenidas estão sempre cheias de pessoas caminhando, principalmente nas épocas mais quentes do ano, em que os corpos ficam mais expostos. Como nos mostra o documento da Secretaria Estadual de Educação, somos bombardeados por imagens que, por muitas vezes, nos levam a buscar padrões de beleza possíveis para poucos, levando algumas pessoas a pagar altos preços não só do ponto de vista financeiro, mas também da saúde, fazendo uso de medicamentos, energéticos, alimentos, cirurgias e excedendo-se em academias colocando em risco a própria saúde com substâncias proibidas ou inadequadas. Observamos uma supervalorização do trabalho com o corpo fora da escola em detrimento do trabalho dentro dela. Há uma diferença acentuada entre os profissionais das escolas e os que atuam fora dela, em clubes e academias, por exemplo. Temos de um lado, um profissional e área com exposição positiva e de outro, uma educação física que está sem prestígio ou sem significado na escola.

A educação física no Brasil surge ligada intimamente à formação e educação corporal disciplinadora, com objetivos dos mais variados: militares, de saúde, estéticos, esportivos de alto rendimento ou não, recreativos, servindo, muitas vezes, a mecanismos de alienação ou propósitos políticos, valendo-se da prática ou de eventos esportivos para desviar a atenção das tensões políticas e das lutas ideológicas³. Exemplos desses mecanismos encontram-se no jovem do final da década de 60, que o governo militar buscava para formação de um exército forte para desmobilizar correntes opositoras ao regime que vigorava, como também no futebol, personificado na seleção brasileira, marcava o tom vitorioso de um governo autoritário e ditatorial.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9.394, trouxe alguns avanços para a área da educação física. Inseriu-a como disciplina obrigatória nas grades curriculares das escolas brasileiras, reconhecendo-a como componente curricular e também como área de estudo relevante na formação global dos indivíduos.¹

¹ Fonte e texto adaptado de: [www.brasilecola.com/Paula Rondinelli/Nestor Bertini Junior; Elvira Cristina Martins Tassoni](http://www.brasilecola.com/Paula_Rondinelli/Nestor_Bertini_Junior;Elvira_Cristina_Martins_Tassoni)

2. EDUCAÇÃO FÍSICA COMO LINGUAGEM

Desde a sua origem o ser humano vem produzindo cultura, tudo o que o homem faz vem de um contexto onde se produz e reproduz cultura a partir do seu conhecimento.

Conforme a necessidade de cada época que este homem esteve inserido dentro da sociedade, este buscou suprir suas insuficiências com criações que tornassem os movimentos mais eficientes e satisfatórios, procurando desenvolver diversas possibilidades de uso do corpo no intuito de solucionar as mais variadas necessidades. Sendo essas criações gestuais com caráter utilitário, ou não, elas visavam ao seu modo, a combinação do aumento da eficiência dos movimentos corporais com a busca da satisfação e do prazer na sua execução. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN"s):

Derivaram daí conhecimentos e representações que se transformam ao longo do tempo. Ressignificadas, suas intencionalidades, formas de expressão e sistematização constituem o que se pode chamar de cultura corporal de movimento.

Dentro desse universo de produções da cultura corporal de movimento, algumas foram incorporadas pela Educação Física como objetos de ação e reflexão: os jogos e brincadeiras, os esportes, as danças, as ginásticas e as lutas, que têm em comum a representação corporal de diversos aspectos da cultura humana. São atividades que resignificam a cultura corporal humana e o fazem utilizando ora uma intenção mais próxima do caráter lúdico, ora mais próxima do pragmatismo e da objetividade. (BRASIL,1998, p.28).

Deve-se salientar que a inserção desse universo de produções no espaço escolar privilegie o entendimento de que estas práticas têm significado cultural e que novas formas de experimentação, em confronto com as tradicionais, poderão possibilitar que o aluno dê sentido próprio ao seu campo gestual e se perceba no mundo como agente.

De acordo com Gonçalves (1994), a EF como práxis educativa - que leva em consideração o desenvolvimento pessoal e a questão social - possui como objetivo a formação da personalidade do aluno, através da atividade física, "lidando com o corpo e o movimento integrado na totalidade do ser humano", portanto a EF, atuaria nas camadas mais profundas da personalidade, "onde se formam os interesses, as inclinações, as aspirações e pensamentos" (p.104). Para isso, a cultura corporal do movimento, que aqui será entendida como o "conjunto de ações corporais produzidas na sociedade no transcorrer da sua história e que tem capacidade de representação ou simbolismo" (Gonçalves, 2006, p.129) e visualizando que o objeto central desta perpassa em torno do fazer, do compreender e do sentir com o corpo, esta se faz de grande valia à formação humana.

Partindo desta premissa, Gonçalves (2006) ressalta que "cabe ao professor verificar, em cada uma das produções corporais os benefícios fisiológicos e psicológicos e suas possibilidades de utilização como instrumento de comunicação, expressão, lazer e cultura e, a partir daí formular as

propostas para Educação Física Escolar (EFE)", tendo em vista que é notável:

Além dos benefícios imediatos atribuídos a realização de esforços físicos adequados na infância e na adolescência, evidências (que) apontam que as experiências positivas associadas à prática de atividades físicas vivenciadas nessas idades se caracterizam como importantes atributos no desenvolvimento de atitudes, habilidades e hábitos que podem auxiliar futuramente na adoção de um estilo de vida ativo fisicamente na idade adulta (GUEDES; GUEDES,1997, p.49).

Para Chagas et.al (2012) o conteúdo deve ser articulado com a vida pra que assim exista um real significado para aquilo que se aprende nas aulas. Deste modo, para facilitar a adesão dos alunos às práticas corporais, seria importante diversificar as vivências experimentadas nas aulas, para além dos esportes tradicionais (futebol, voleibol, handebol ou basquetebol). Castellani Filho (1993), ao se referir ao esporte como um conteúdo da EFE o considera "como uma prática social, resultado de uma construção histórica que, dada à significância com que marca a sua presença no mundo contemporâneo, caracteriza-se como um dos seus mais relevantes fenômenos sócio-culturais" (p.13), mas não o único.

Lovisolo (1995) ainda argumenta, com base num amplo levantamento de opinião, que a comunidade entende EF na escola a partir justamente destes dois fenômenos sociais: o esporte e a ginástica. Um resultado do seu trabalho, que chama atenção para as dificuldades de efetuar mudanças de conteúdo, refere-se ao fato de que a maioria dos responsáveis pela escola (54%), não observam diferença entre EF e esporte; e apenas 12,8% dos alunos conseguem diferenciar as duas áreas. Do mesmo modo, Rangel; Betti (1995) observou que, na análise do discurso dos alunos de EF do ensino fundamental, eles reclamam por conteúdos mais diversificados.

A inclusão e a possibilidade das vivências das ginásticas, dos jogos, das brincadeiras, das lutas, das danças pode facilitar a adesão dos alunos na medida em que aumentam as chances de uma possível identificação do mesmo com o conteúdo proposto. É importante

ressaltar também que a EFE deve incluir tanto quanto possível todos os alunos nos conteúdos que propõem, adotando para isto estratégias adequadas.

Catunda (2012), ressalta que é de fundamental importância para a formação de crianças e adolescentes, que se considere a pluralidade e as necessidades dos alunos e que os objetivos da disciplina constantes em seu planejamento seja um guia para diversidade da prática.

Além de se diversificar os conteúdos, para se garantir um ensino que possibilite ao aluno vivenciar variadas possibilidades de expressão corporal é preciso aprofundar os conhecimentos, ou seja, tratá-los nas três dimensões (procedimental, atitudinal e conceitual) abordando os diferentes aspectos que compõem as suas significações. Embora se saiba da impossibilidade de oferecer todos os conhecimentos relacionados à cultura corporal do movimento na EFE, entende-se que alguns deles precisam ser desenvolvidos e, de preferência, de forma transversal e espiralada.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Educação Física

Uma apropriada aplicação dos conteúdos está justamente no equilíbrio e na importância que deve ser dada igualmente às três dimensões, mesmo que a disciplina aparentemente seja mais ligada a uma delas. Daí surge a preocupação com o aprofundamento dos conteúdos. Essa seria a forma ideal para que os objetivos gerais do ensino fossem alcançados, já que estes visam à formação integral do indivíduo (ROSARIO E DARIDO, 2005).

Considerando a possibilidade de alcançar esses objetivos o papel da EF ultrapassa o ensinar esporte, ginástica, dança, jogos, atividades rítmicas, expressivas e conhecimento sobre o corpo, em seus fundamentos e técnicas (dimensão procedimental), mas inclui também os seus valores subjacentes, ou seja, quais atitudes os alunos devem ter nas/para as atividades corporais (dimensão atitudinal) e também, busca garantir o direito do aluno de saber porque ele está realizando este ou aquele movimento, isto é, quais conceitos estão ligados àqueles procedimentos (dimensão conceitual) (DARIDO et al. 2001).

Segundo Ferraz (1996) as dimensões dos conteúdos podem ser entendidas da seguinte maneira:

A dimensão procedimental diz respeito ao saber fazer (...). No que diz respeito à dimensão atitudinal, está se referindo a uma aprendizagem que implica na utilização do movimento como um meio para alcançar um fim, mas este fim não necessariamente se relaciona a uma melhora na capacidade de se mover efetivamente. Neste sentido, o movimento é um meio para o aluno aprender sobre seu potencial e suas limitações (...).

[A dimensão conceitual] (...) significa a aquisição de um corpo de conhecimentos objetivos, desde aspectos nutricionais até socioculturais como a violência no esporte ou o corpo como mercadoria no âmbito dos contratos esportivos (p.17).

Sendo assim, mais do que ensinar a fazer, é importante que a EFE tenha como objetivo que os alunos obtenham uma contextualização das informações como também aprendam a se relacionar com os colegas, reconhecendo quais valores estão por trás de tais práticas. Deste modo, não basta a esta ensinar aos alunos a técnica dos movimentos, as habilidades básicas ou, mesmo, as capacidades físicas, mas é preciso ir além, e ensinar o contexto em que se apresentam as habilidades ensinadas, integrando o aluno na esfera da sua cultura corporal do movimento.

No entanto, como nos alerta Betti (1994) não é propor que a EFE se transforme num discurso sobre a cultura corporal do movimento, mas uma ação pedagógica com ela. O autor argumenta que a linguagem deve auxiliar o aluno a compreender o seu sentir corporal, o seu relacionar-se com os outros e com as instituições sociais de práticas corporais. É indispensável evitar a inércia dos saberes, conduzindo o aluno a adquirir uma posição na qual possa tornar o conhecimento significativo para si e para a sociedade (BARBOSA-RINALDI et al., 2009).

Como em qualquer área do conhecimento, a EF possui especificidades e acolhe a produção da cultura que se traduz em saberes e, mais especificamente, em conteúdos organizados de forma pedagógica na escola.

A apresentação de um currículo, no qual esteja incluído um conjunto de princípios de sistematização, uma ordem lógica de conteúdos diversificados e aprofundados, traria diversos benefícios aos professores e alunos nas aulas. Para citar alguns: possibilidades de refletir sobre a própria prática; facilitar a transferência de alunos de uma escola para outra; melhor planejamento das atividades; implementação de um maior número de conteúdos; melhores condições de aprendizagem (ROSARIO E DARIDO, 2005).

Kunz (1994), entende que a elaboração de um programa mínimo poderia resolver a “bagunça interna” de nossa disciplina, um programa de conteúdos baseados na complexidade e com objetivos definidos para cada série de ensino. Esse programa traria opções para o professor que, por exemplo, implementar um mesmo conteúdo, com a mesma complexidade.

Darido (2001), a partir de outros autores, entende que o conteúdo é uma seleção de formas ou saberes culturais, conceitos, explicações, raciocínios, habilidades, linguagens, valores, crenças, sentimentos, atitudes, interesses, modelos de conduta, etc., cujo aprendizado e assimilação são fundamentais para o desenvolvimento da socialização adequada do aluno na escola.

A EFE como prática pedagógica deve ser baseada na dinâmica comunicativa, repleta de intencionalidades e valores, na qual interagem o professor e o aluno e as possibilidades da cultura corporal do movimento, por intermédio de várias linguagens tendo assim uma ressignificação de forma a assumir o seu papel como agente de transformação do indivíduo.

Como foi constatado nesta pesquisa ainda existe um distanciamento entre o que se espera da EF com uma proposta pedagógica que aproxime o conjunto de práticas, cultura corporal do movimento, da realidade dos escolares. Apesar deste se tratar de um conjunto de saberes diversificado e riquíssimo, existe a possibilidade de transmiti-lo na escola, porém não é o que se observa na maioria das aulas de EF.

Assim como pode se observar que não existe uma preocupação em incluir os alunos no processo de planejamento dos conteúdos, não há uma discussão sobre as experiências passadas pelos alunos e não há participação na construção das aulas. Essa falta de participação do aluno - não permitem que esse reflita sobre as atividades, que as questione; impossibilitando, assim, a formação de uma consciência crítica, capaz de transferir essa reflexão e questionamento das regras e do seu movimento corporal para a realidade social, a qual se encontra inserido, buscando transformá-la. Esses dados são preocupantes por que demonstram que a EF tem sido, neste caso, incapaz de assumir um papel de formação de um sujeito crítico e capaz de refletir sobre as suas atividades.

Ao verificar os dados, estes apontam para uma “liberdade” dada ao aluno para praticar o que lhe satisfaz, que a maioria aponta o conteúdo esporte como o mais utilizado e que foi descrito até, a falta de aplicação de conteúdo durante as aulas, estamos próximos daquilo que seria o produto de uma orientação a um ambiente competitivo ao considerar como finalidade única do esporte e das atividades envolvidas em um programa de EF. Já a prática esportiva

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Educação Física

orientada à aprendizagem relaciona-se com a motivação de seus praticantes, elegendo a educação como um processo constante que visa o desenvolvimento individual e também o comprometimento social dos envolvidos.

Devemos salientar que cabe ao professor verificar, em cada uma das produções corporais e na diversidade de produções da cultura corporal do movimento, que foram incorporadas pela EF os benefícios fisiológicos e psicológicos e suas possibilidades de utilização como instrumento de comunicação, expressão, lazer e cultura, como objetos de ação e reflexão e, a partir daí formular suas propostas. Essa diversificação dos conteúdos possibilita ao aluno uma diversidade de vivências que aumentam as chances de uma possível identificação com os conteúdos e propensão a prática de atividades física fora da escola e mesmo adulto adotando um estilo de vida ativo.

É nesse sentido que a EF, no contexto da escola, precisa ser constantemente pensada, sempre numa dinâmica que se traduza em mudanças e compromisso profissional para com a área. A aquisição dos conhecimentos considerados necessários tem na escola seu espaço clássico. É imprescindível que a reelaboração dos conhecimentos promova a emancipação humana, que como mostra a pesquisa, de fato nem sempre acontece.²

Como se sabe, a comunicação humana pode efetivar-se por meio de palavras (linguagem verbal) ou por meio de outros signos (linguagem não-verbal). Há substratos comuns entre todos esses signos, com destaque para o fato de terem sido criados pelo homem com finalidades específicas. Trata-se, pois, de convenções, variáveis de acordo com as necessidades e interesses do grupo social que podem ser agrupadas em conjuntos conhecidos como códigos.

Os gestos e os movimentos fazem parte dos recursos de comunicação que o ser humano utiliza para expressar suas emoções e sua personalidade, comunicar atitudes interpessoalmente e transmitir informações.

No sentido amplo do termo, toda a produção humana pode ser compreendida como cultura (SANTOS, 2005), a qual é rica em símbolos que podem ser expressos e registrados por meio da linguagem (VAN DER MERWE, 1996). Segundo Campelo (1997, p. 15), esses símbolos vivem mais que os próprios seres humanos, fazendo-se necessário que alguém os analise, por isso os símbolos perdem seu sentido sem a presença humana.

Há vários tipos de linguagem, dentre os quais a linguagem corporal, que consiste em códigos e expressões usadas por determinados grupos em certas situações (MANSER, 1990). A linguagem ainda é entendida como um conjunto de códigos que podem ser transmitidos e compreendidos através da fala, da escrita, da leitura, da arte e do corpo. Pode ser definida também como um conjunto de símbolos verbais e não verbais, que está presente em todo o universo educacional (RAMOS, 2000), sendo que os órgãos dos sentidos são utilizados para entender seus códigos. Mas desde quando isso acontece?

Não é possível precisar quando os seres humanos passaram a compreender uns aos outros através de sons articulados e códigos por escrito, mas a linguagem escrita foi registrada muito recentemente. Durante os milhões de anos da evolução humana, apenas os últimos 300 anos foram registrados por escrito. Antes disso, como não há registros da linguagem, os seres humanos viviam no que denominamos período pré-histórico, em que os códigos somente podiam ser transmitidos de uma geração para outra através da fala. Os seres humanos conheciam apenas os acontecimentos que vivenciavam e aqueles que eram contados pelos outros que viviam próximos (Gonçalves, 2000).

Conforme Tofler (apud GONÇALVES, 2000, p. 57-58), grande parte da existência humana aconteceu nas cavernas.

Tomando o tempo de existência humana da ordem de 500.000 anos e dividindo-o por 65 anos, como base de tempo para uma geração, teríamos um número de aproximadamente 800 gerações. Deste total, 650 gerações foram passadas nas cavernas e a comunicação era essencialmente corporal. Há apenas 70 gerações foi possível a comunicação de uma geração para outra através da escrita, e somente as últimas 10 gerações puderam ter algum acesso à comunicação de massa com a invenção da imprensa. Além disso, apenas as últimas duas gerações conheceram o motor elétrico e somente a geração atual conhece o computador.

Realizando essa análise de outra forma, Gonçalves (2000, p. 58) conclui: "buscando comparar as 800 gerações com um adulto de 80 anos de idade, diríamos que ele aprendeu a viver numa casa aos 65 anos (...) e comunicar-se através da escrita aos 73 anos de idade".

O ser humano pode se expressar de diversas maneiras, com diferentes linguagens, porém as linguagens falada e escrita predominam atualmente no nosso cotidiano. Em coluna escrita recentemente, Sevcenko (2004) afirma que a cada duas semanas uma língua "some" no planeta, como consequência "da expansão europeia [...] processo predatório, acelerado pela globalização." (p.59). Assim, as linguagens escrita e falada poderiam estar a caminho de uma massificação, tornando-se comum a todos, como é o caso dos nomes de lojas, produtos e jargões relacionados à linguagem norte-americana (o inglês) evidentes em nosso dia-a-dia.

No entanto, ao mesmo tempo em que "somem" algumas linguagens, "surgem" outras. Esse processo de desaparecimento/surgimento não é instantâneo, é gradual, pois se trata da resignificação dessas linguagens, fruto de sincretismos entre diferentes formas de comunicação. Não sabemos ao certo em que ritmo acontecem, embora possamos evidenciar esse processo. Essas evidências podem aparecer não só na linguagem falada/escrita, mas também na linguagem corporal.

LINGUAGEM, CORPO E CULTURA

A linguagem possui múltiplo significado que varia culturalmente segundo relações presentes na educação e na percepção das imagens. Segundo Geertz (1989, p.27), "as culturas são estruturas de significado através das quais os homens dão forma às suas experiências", vistas como formas de aprendizagem ou de comportamentos aprendidos.

2 Fonte: www.fiepbulletin.net - Texto adaptado de Daniela Da Silva Lima/Kélvia Siqueira Silva/Max Oliveira Madeira

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Educação Física

O autor cita um exemplo: não basta falar a língua de outra cultura para estarmos inseridos nela; o significado das palavras muitas vezes não reflete a análise e nem a interpretação de sua cultura. Durham (1977, p.32) lembra que a cultura constitui o processo pelo qual os homens dão significados às suas ações através de uma manipulação simbólica que é atributo fundamental de toda prática humana.

Na Educação Física e suas representações corporais o significado das experiências também variam culturalmente. Tais representações e linguagens dos movimentos, das danças, das ginásticas, das lutas, dos jogos, são manifestações, muitas vezes incompreensíveis para pessoas de culturas diferentes, como por exemplo, as danças folclóricas de cada país ou os jogos populares diferentes em cada região.

Antes mesmo de comunicar-se através das palavras, os seres humanos já se comunicavam por meio do movimento e do corpo, que sente, se expressa e se movimenta... o corpo fala.

Percebemos que a concepção corrente que privilegia a linguagem escrita como a única manifestação de um texto precisa ser repensada. O senso comum entende que um texto é algo que se organiza pela combinação de letras, frases, parágrafos, períodos e que a expressão de um texto se dá pela escrita, predominantemente.

Movimentos corporais como, por exemplo, as expressões faciais, os gestos que compõem uma coreografia de dança bem como os presentes nas modalidades esportivas, podem também ser entendidos como portadores de texto. Isso equivale a dizer que a comunicação pode ser otimizada e potencializada na medida em que compreendermos os argumentos contidos nas manifestações corporais.

Darido (2002) ao construir relações entre o universo da Educação Física Escolar e a área de Linguagens, destaca a necessidade da ampliação do sentido do termo texto, passando a ser entendido como uma totalidade significativa e articulada que é verbal e não-verbal.

Para Del Nero (1997) a capacidade de nos comunicarmos tanto por meio dos gestos, pela motricidade, quanto pela fala é inata, servindo de base para as demais formas de manifestação da linguagem.

A construção de um texto depende, portanto, da capacidade de elaboração de arranjos constituídos por gestos e/ou palavras que ganham em amplitude e complexidade na medida em que se assegura a ampliação dos repertórios. Quanto maior for o repertório de movimentos, mais ricas tendem a ser as possibilidades de construção de um texto, da mesma forma que quanto maior o número de palavras que conhecemos, maiores são as possibilidades de comunicação e expressão.

A linguagem é a manifestação mais complexa da inteligência humana pois permite que pensamentos sejam compartilhados. É preciso mais do que uma mente em perfeito funcionamento para que isso aconteça, aliás, não existe mente sem corpo (DAMÁSIO, 1994). O corpo tem um papel essencial no comportamento inteligente (DREYFUS, 1992).

O corpo e seus sentidos permitem que os seres humanos captem informações, como os códigos da linguagem, e também que essas informações sejam transformadas e transmitidas para outros seres humanos (GONÇALVES, 2000)

com novos significados. Os significados e a linguagem têm que ser constantemente renovados porque a experiência humana é extremamente dinâmica, caso contrário, as informações perdem seu sentido.

Nossos corpos estão impregnados das vivências de nossos antepassados, o que chamamos de herança cultural e também genética. Esse legado inscrito em nossos corpos mistura elementos biológicos e ambientais enfrentados pela espécie humana. A expressão corporal foi a linguagem que predominou na pré-história (BRIKMAN, 1989) e sua compreensão ainda é incerta nos nossos dias (O'CONNOR e SEYMOUR, 1995).

Conforme uma classificação apresentada na obra de Campelo (1997, p. 9-11) o corpo pode ser entendido como uma mídia, aliás, uma mídia primária. É o tipo de comunicação que ocorre no flerte, na articulação e na leitura dos gestos e da mímica facial, no movimento e deslocamento no espaço (...), quem se senta ao lado de quem, quem cumprimenta quem, onde ficar, como andar, para que lado olhar, que gestos são permitidos e quais são proibidos (PROSS apud BAITELLO, 1997, p. 9-10)".

A mídia secundária requer aparatos que aumentam o raio de ação da mídia primária e inclui a linguagem nesse segundo item. Já a mídia terciária requer, além desse aparato da mídia secundária, também um aparato para que o receptor seja alcançado pela mensagem, citando como exemplos: rádio, televisão e correio eletrônico.

CORPO COMO LINGUAGEM: IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

A linguagem corporal geralmente é associada à Educação Física (Mattos e Neira, 2000) e também à Educação Artística (Gonçalves, 2000) na escola. Mas como trabalhar com a linguagem corporal na escola? Como ensiná-la para os alunos? O que eles devem aprender?

Para Labarrière (1999), o foco deve ser geral quando se relaciona Educação Física ao ensino da linguagem. Ele dá como exemplo o estudo da imprensa esportiva ou de livros e textos sobre esporte. Cita a possibilidade dos alunos responderem por escrito a questões sobre esporte quando esse for o tema da aula de Educação Física. Já Mattos e Neira (2000, p. 16) propõem que o ensino da linguagem corporal no Ensino Fundamental visa à proficiência dos movimentos nos esportes, lutas, ginásticas e atividades rítmicas.

Para o Ensino Médio, propõem que a linguagem corporal vise a compreensão e a utilização das formas de expressão, como gestos e movimentos, seus significados, suas técnicas e táticas. Os alunos nesse segmento devem ler e compreender uma dança, um jogo ou um esporte, percebendo e interpretando o que se passa, diferenciando ritmos e sabendo acompanhá-los com o movimento, compreendendo os jogos e interferindo neles de forma eficiente e estratégica. Ainda, devem perceber nos esportes um vasto campo de atuação que extrapola o ser expectador para assumir a postura de quem compreende e interpreta o que vê. Nesse sentido, há um ponto em comum entre o que propõem Mattos e Neira (2000) e a proposta de Labarrière (1990) no que diz respeito à mídia esportiva e sua interpretação.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Educação Física

Se o “corpo fala” é algo passível de análise no campo bibliográfico, é preciso que se entenda o que ele – corpo – tem a dizer.

Se o corpo como linguagem deveria ser algo passível de leitura de todo e qualquer educador, na escola as possibilidades de leitura desse corpo que hoje tanto se fala – e que muito tem a falar – certamente deveria ser alvo do olhar do professor de Educação Física, já que é por meio dela – Educação Física – que o corpo deveria ser conhecido.

Talvez, mas não somente, o mais comum seja realizar essa leitura por meio do movimento esportivo o qual se evidencia pela análise do adversário, pela troca de olhares, toques e sinais próprios da definição de determinadas jogadas, da direção da bola, evitando-se, pela antecipação do movimento, que esta atinja o chão, no caso do Voleibol ou balance a rede no caso de gol no Futebol.

Mas, para além dessa leitura, digamos técnica, até bastante comum no campo esportivo, em que nenhuma palavra necessariamente precisa ser dita, a linguagem do corpo pode incitar o olhar de forma que possamos compreendê-lo a partir da decifração dos códigos, marcas e registros a ele pertinentes. Das várias possibilidades de traçarmos este particular, acentuaremos três que nos parecem de fácil visualização.

Pensando nas particularidades da Educação Física e do Esporte, diríamos que o corpo como linguagem pode ser compreendido, ou melhor, lido, a partir de um corpo que sente e que, portanto, é passível de registrar e evidenciar as sensações nele presentes; se expressa, e que, portanto, realça as marcas, gestos e posturas particulares de cada ser; se movimenta, a partir de um rol de possibilidades próprias que demonstram um pouco de si ou padronizadas em gestos específicos, como é o caso dos Esportes. Em outras palavras diríamos que a Educação Física e o Esporte poderiam se ocupar da leitura do corpo em diferentes instâncias, preocupando-se com o que ele tem, de fato, a dizer ao sujeito e ao outro.

Entre tantas imagens possíveis, destacaremos algumas capazes de evidenciar tais possibilidades, cujas particularidades são evidentes no cotidiano da Educação Física e do Esporte. Ou seja, começariamos pelo corpo que sente ou pelo corpo sensível entendido como aquele cujas sensações revelam as particularidades dos órgãos dos sentidos, cujo exemplo nítido é o trabalho que pode ser realizado no campo da Educação Física pelas práticas corporais alternativas. É nesse sentido que as atividades de massagem, por exemplo, no interior de uma aula de Educação Física poderiam contribuir para o entendimento da linguagem do corpo via identificação das tensões musculares, entre outras coisas que revelam algo sobre o sujeito. Talvez, a leitura do corpo sensível pudesse auxiliar o aluno a ter uma melhor consciência de si, de seu corpo e das possibilidades de movimentá-lo.

Para além da repetição mecânica dos gestos próprios da atividade esportiva os alunos poderiam realizar movimentos que o levassem à compreensão de seu próprio corpo, contribuindo, inclusive, para o seu desempenho. Até onde percebo o movimento de minhas articulações? Até onde posso sentir o alongamento de meus músculos? Qual a sensação

revelada pela respiração profunda? Como percebo os desvios posturais adquiridos ao longo dos anos?

Com base em questões deste tipo e ultrapassando uma leitura terapêutica do corpo, objeto de outras áreas do conhecimento, a Educação Física poderia revelar, com propriedade, qual é o seu papel na percepção desse corpo sensível, do qual, no dia-a-dia, pouco se vê e quase nada se percebe.

No campo esportivo o olhar para este corpo sensível tornaria mais claros os limites do atleta, quer em relação àqueles que se evidenciam fisicamente, sobretudo por meio das dores musculares provocadas pelo acúmulo de ácido láctico na musculatura, quer por meio das atrofias musculares, geradoras de posturas muitas vezes impeditivas de determinados movimentos especializados ou, ainda, pela expressão da alta carga emocional provocada, por exemplo, pela tristeza própria da derrota de uma partida ou da alegria contagiante do momento do gol. Tudo isso, aliás, é bastante importante de ser discutido nas aulas de Educação Física, principalmente questionando-se a valorização exacerbada da superação de limites, tão típica do esporte.

O corpo que se movimenta ou o corpo móvel entendido como aquele que em movimento expressa, em linguagens diversas, a possibilidade de interação com o mundo que o cerca teria, como exemplo no campo esportivo, um amplo rol de movimentos especializados de acordo com normas específicas, ainda que passíveis de compreensão por culturas diversas. Ou seja, apesar das especificidades gestuais passíveis de identificação numa leitura mais atenta do corpo móvel, não é difícil identificar a fluidez da comunicação entre aqueles que praticam uma mesma modalidade esportiva. Assim, se um brasileiro, um alemão, um japonês, um indiano, um equatoriano e um africano, que não falam a mesma língua, se encontrarem em uma quadra de Basquetebol, mesmo assim, apesar de não poderem contar com a linguagem verbal para se comunicarem, poderão fazê-lo pela linguagem corporal, pela linguagem de um corpo móvel que, no caso, fala a língua do Basquetebol.

Mais do que qualquer outra coisa, é importante que os alunos saibam que a linguagem corporal é uma forma de comunicação tão eficaz quanto à linguagem falada ou escrita e que, portanto merece ser explorada e compreendida por todos, ainda que, tradicionalmente não se tenha dado ênfase a este particular no campo da Educação Física, talvez pelo desconhecimento, por parte dos professores, de como isso deva ser feito.

Talvez, outro caminho a ser explorado em aulas de Educação Física para o desenvolvimento de questões relacionadas à linguagem corporal seja o dos diferentes estilos ou técnicas utilizados por atletas ou equipes em determinados países. Afinal, é comum falar-se em: escola asiática de Voleibol, escola brasileira de salto triplo e escola russa de Ginástica, como exemplos claros de linguagens específicas. Outras vezes, há uma tendência de se relacionar o estilo de jogo de equipes esportivas às características culturais de um povo, falando-se do estilo duro do futebol alemão em relação ao futebol alegre dos africanos, por exemplo. Esses, certamente, podem se configurar em elementos imprescindíveis para o debate em torno do tema transversal da pluralidade cultural. Ou seja: será que as populações apresentam realmente